

CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo

Class.: 36

Data: 28 de Novembro de 1979

Pg.: \_\_\_\_\_

# Carreira acusa "Estado" e pede fiscalização no Jari

Da sucursal de  
BRASÍLIA

O senador oposicionista Evandro Carreira, depois de criticar ontem duramente o empresário Daniel Ludwig e o noticiário da imprensa a respeito de recente visita de parlamentares ao Projeto Jari, pediu ao presidente da República que instale imediatamente naquela área órgãos competentes para a fiscalização permanente do que ali ocorre.

Constantemente aparteadado pelo vice-líder arenista Aloysio Chaves, o senador amazonense acusou um repórter do Estado de sensacionalista "ou comprado pelos lacaios de Ludwig, quando informou à Nação que

eu saíra da Jari Florestal absolutamente certo de que o projeto é correto, sem nenhuma dúvida".

Para o senador, a notícia do Estado e do Jornal da Tarde "foi fabricada pelo jornalista, pela editoria ou pelo proprietário desses jornais. Mas eu os desafio a provarem, com documento hábil, que eu tenha feito qualquer pronunciamento aprovando em definitivo o Projeto Jari" — disse Carreira.

Acrescentou ainda Carreira: "Não sei se a notícia fabricada pelo Estado, por suborno ou sensacionalismo, pretendeu dizer à Nação que seis senadores tinham aprovado o projeto, mas procura debruçar-se sobre a mi-

nha pessoa. E eu vou 'anatomizar' a reportagem que informou mal à Nação".

Carreira afirmou que o Projeto Jari constitui "um quisto inserto no território nacional" e acrescentou que os seis senadores que visitaram a área — Vicente Vuolo, Aloysio Chaves, Mendes Canale, José Lins, Almir Pinto e ele próprio — "tiveram os passos controlados, sem liberdade de ver e ouvir o que desejavam".

Os senadores Aloysio Chaves e Mendes Canale, que estavam ontem no plenário, contestaram as afirmações de Carreira, explicando que tiveram acesso às informações que haviam solicitado.

### As contradições do senador

N. da R. — Em determinada altura de seu discurso no Senado, ontem, o senador Evandro Carreira afirma que em sua visita ao Projeto Jari teve de "trabalhar como trabalha um 007. Eu tive que rir quando queria chorar; tive que fazer discursos — quando não deveria fazer — para ver se conseguia, pelo menos, penetrar um pouco mais ou descobrir um pouco".

O senador desempenhou esse papel com absoluta perfeição, porque ainda na véspera de sua viagem ao Jari prestou declarações à imprensa paraense, afirmando que não queria depender absolutamente nada da empresa e que, por isso, havia solicitado à Empresa de Navegação da Amazônia que deslocasse de Belém para o Jari, um navio, onde os senadores comeriam e ficariam hospedados. Insistiu que sua disposição era investigar tudo, conhecer tudo ao chegar ao Jari, no entanto, os fatos foram diferentes. Exatamente como afirma a reportagem publicada pelo Estado e Jornal da Tarde, o senador Carreira disse considerar válida a experiência do Projeto, disse que a questão principal é a fiscalização que o governo deveria exercer sobre o Projeto, fez eloqüentes elogios sobre a plantação de arroz nas várzeas. E mais, que a reportagem não citou por

não considerar importante: dispensou a utilização do navio da Enasa e optou pela casa de hóspedes do Jari, que dispunha de instalações bem mais confortáveis — e com ar condicionado — do que o navio (era o 007 em ação, agora sabemos); reclamou um banho de piscina, para o qual a Jari lhe emprestou o calção; exigiu usque escocês (ele queria "chivas", mas foi convencido a aceitar um "white label"), gestos que eram acompanhados por discretos e maliciosos sorrisos dos funcionários do Jari, que viam nele um perigoso inimigo. Mais ainda: as iniciativas de questionar aspectos do funcionamento do Projeto, mesmo no que dizia respeito à situação dos empregados, couberam muito mais aos senadores arenistas José Lins e Mendes Canale.

O que o senador Carreira chama "de debruçar-se sobre sua pessoa" é a referência que a reportagem fez ao fato de ser ele o único emedebista na comitiva e o "mais tenaz, apatronado e barulhento defensor da Amazônia no Congresso". Essas duas características davam, a ele, obviamente, uma condição peculiar sobre os outros cinco senadores: José Lins, Mendes Canale, Aloysio Chaves, Almir Pinto e Vicente Vuolo.

Mais ainda: a reportagem em questão não diz que o se-

nador Carreira "saíra da Jari Florestal absolutamente certo de que o Projeto é correto", como afirmou em seu discurso. Diz apenas que ele o considerou válido, expressão textual dele para o repórter do "Estado" e "Jornal da Tarde" que acompanhou a comitiva.

Quanto à liberdade para ver e ouvir o que quisessem, embora a visita tivesse um roteiro prévio traçado pela Jari, tudo indica que o senador não fez muita questão de usá-la, o que, no entanto, foi feito pelo técnico em poluição Constantino Arruda, que pôde checar todo o equipamento antipoluição, e pelo cineasta Jorge Bodansky — ambos convidados pelo próprio senador — que se preocupou em conhecer e filmar "in loco" — sem qualquer restrição — as condições de vida dos trabalhadores que moram nos alojamentos, preocupação que o senador em nenhum momento teve. E pareceu tão satisfeito com sua visita, que no segundo dia, achando que já tinha visto tudo, resolveu partir, embora o programa fosse de três dias. Agora, senador, resta uma pergunta: quanto custou aos cofres públicos a semana em que o navio da Enasa ficou à sua disposição, só para que o senhor "não dependesse em nada da Jari, durante sua visita"?